

silizados “na bodega [que chamamos de] estilo, música do período, imagens peregrinas e outras coisas que são o cortejo da arte de escrever, que são os meios de comunicação, de sedução, mas não são fim próprio...”

O diabo é que já tivemos um Lima Barreto. E, quando em quando, temos que engolir isso, apesar de todos os nossos álibis e *ismos*.

JOÃO ANTÔNIO
Copacabana, 13 de maio de 1976.

NOTA PRÉVIA

ESTE ROTEIRO dos bares urbanos freqüentados pelo amauense Afonso Henriques de Lima Barreto, me foi passado no Sanatório da Muda da Tijuca, entre maio e junho de 1970, pelo professor Carlos Alberto Nóbrega da Cunha, homem tido e havido como caduco, maníaco e esclerosado. Na mocidade, diretor político do *Diário de Notícias*, depois subsecretário de *O Jornal*. Conheceu Lima Barreto em vida e tinha setenta e dois anos quando me deu o depoimento. Os textos em destaque são de e em torno de Lima. Assim, não há aqui uma palavra minha. Como um montador de cinema, tesoura em punho, dei ritmo e respiração ao trabalho alheio. Participei, se muito, na linguagem da versão final do depoimento.

JOÃO ANTÔNIO